



Fitness & Performance Journal
ISSN: 1519-9088
editor@cobrase.org.br
Instituto Crescer com Meta
Brasil

Soares Dias, Ualber; Gomes Tubino, Manoel José
Pára-quedismo. Diferenças Entre o Civil e o Militar
Fitness & Performance Journal, vol. 4, núm. 3, mayo-junio, 2005, pp. 137-144
Instituto Crescer com Meta
Río de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=75117087001>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

Pára-quedismo

Artigo Original

Diferenças entre o Civil e o Militar

Ualber Soares Dias, M.Sc. (CREF 6797 G/RJ)
ualberprec@ig.com.br

Prof Dr Manoel José Gomes Tubino, Ph.D. (CREF 0004 G/RJ)
manoeltubino@aol.com

DIAS, U. S.; TUBINO, M. J. G. Pára-quedismo: Diferenças entre o Civil e o Militar. *Fitness & Performance Journal*, v. 4, n. 3, p. 137 - 144, 2005

Resumo - A história do pára-quedismo no Brasil e no Mundo nos mostra o porquê da mística que envolve a tropa pára-quedista e o gosto pela aventura, seja no meio militar ou no civil. O estudo foi desenvolvido como pesquisa descritiva, com abordagem quantitativa, e teve como objetivo identificar a origem e os pioneiros do pára-quedismo, bem como suas principais características, formações e diferenças. A investigação abordou aspectos do pára-quedismo militar e civil e a forma como ambos se desenvolvem. Para chegar ao perfil dos pára-quedistas, foi utilizado 1 (um) questionário comum aos dois grupos, com trinta categorias ligadas a área do pára-quedismo e previamente aprovadas por um total de 10 (dez) validadores. Depois de validado, o questionário foi apreciado por 40 (quarenta) pára-quedistas, 20 (vinte)

militares e 20 (vinte) civis, que indicaram, dentre as trinta categorias propostas, as 10 (dez) com que eles mais se identificavam, em ordem de importância. Foram atribuídos valores às respostas, sendo que a primeira categoria escolhida recebeu 10 (dez) pontos e a última 1 (ponto). Dessa maneira, hierarquizaram-se as dez características mais importantes tanto para os militares, como para os civis. O estudo encontrou diferenças significativas entre o pára-quedista militar e o civil, principalmente no que diz respeito à forma como a atividade é vista por esses grupos e à sua finalidade.

Palavras-chaves: Pára-quedismo. Pára-quedista militar. Esportes de aventura.

(*) Pesquisa realizada dentro das normas éticas previstas na Resolução nº 196/96, de 10 outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde, tendo sido, todas as tomadas de dados a que se refere o presente estudo, aprovadas pelo Comitê de Ética da Pesquisa da Universidade Castelo Branco.

Endereço para contato:
Rua: Joaquim Ferreira, n. 49, casa, Jardim Sulacap, Rio de Janeiro – RJ, CEP: 21741-090

Data de recebimento: Janeiro 2005 / Data de aprovação: Abril 2005

Copyright© 2005 por Colégio Brasileiro de Atividade Física Saúde e Esporte.



ABSTRACT

Sky-diving: Differences between Civilian and Military

The history about this sport and its evolution in Brazil and in the World, shows the reason that justify a "myth" in the parachutist troop and a pleasure to be in adventure as military or civil place. The study, as descriptive research, had had the object with a big approach to identify the origin and who were the pioneers from sky-diving; the principal characteristics from civilian and military parachutist's theirs graduations and differences among them. The investigation looked for what does military and civilian sky-diving mean and how did they grow. A questionnaire was delivered. It's has thirty categories about sky-diving and was previously approved for 10 (ten) judges. After the questionnaire was appreciated for 40 (forty) parachutists, 20 (twenty) militaries and 20 (twenty) civilians, it was answered from them about thirty sky-diving's categories. Considering 10 (ten) for importance scale and what was the categories that identified whit parachutist's characteristics. Values were given for these answers, and the first chosen category received 10 (ten) points, and the last 1 (point). It was assigned, ten more important characteristics for militaries and civilians. The study find out important differences between military and civilian parachutist, mainly about the finality that this activity has been seen.

Key words: Sky-diving. Military parachutist. Adventure sports.

INTRODUÇÃO

Desde que Leonardo Da Vinci, no século XVI, concebeu um pára-quedas em forma de pirâmide, com estrutura rígida coberta de um tecido mais resistente, o conhecimento humano tem aperfeiçoado o material, a técnica e a preparação psicológica para a execução de saltos.

A evolução do material busca a conjunção de segurança, rendimento e conforto para o saltador. A técnica melhora o desempenho do saltador em queda e no pouso. A preparação psicológica destina-se a diminuir os bloqueios naturais da mente às novas situações com as quais o saltador defrontar-se-á, principalmente em casos de possíveis acidentes. Feijó (1998) diz que o objetivo e a meta do treinamento psicológico é a modificação dos processos e estados psíquicos (percepção, pensamento, motivação), ou seja, as bases psíquicas da regulação do movimento. Essa modificação será alcançada com a ajuda de procedimentos psicológicos.

O Pára-quedismo militar teve grande participação na história e na evolução deste esporte, sendo protagonista de uma mística existente desde a 2ª Guerra Mundial até os dias atuais. Este mito de ser pára-quedista, principalmente militar, é necessário na medida em que este segue uma tradição iniciada desde a criação do pára-quedismo militar no mundo. Correia (2003, p. 44) afirma "que sempre há, mesmo que em fragmentos e em pedaços, um passado e uma tradição". Já o pára-quedismo civil vem crescendo de importância desde o final do século XX, quando começaram a surgir os esportes ligados à natureza.

[...] entre as inúmeras vertentes de novos esportes, existe aquela, impulsionada por interesses econômicos evidentes nos consumos dos próprios equipamentos, que tem promovido o aparecimento de modalidades ricas em emoções e que provocam contatos de muitas significações entre o homem e a Natureza. (TUBINO, 2001, p.28)

Uma das questões atuais sobre o pára-quedismo é a diferença entre o pára-quedista militar e o civil. Essa questão tornou-se importante quando o pára-quedismo começou a ser encarado como esporte, pois, inicialmente, foi concebido com a idéia de salvar a vida de pilotos, passando ao uso militar e, finalmente,

RESUMEN

Paracaídas: Diferencias entre el Civil y Militar

La historia sobre este deporte en Brasil y en el Mundo, muestra la razón que justifica un "mito" en la tropa de paracaidistas y un placer en la aventura. El estudio, fue una investigación descriptiva, con objetivo de identificar el origen y quién eran los pioneros de paracaídas; sus características principales y diferencias entre ellos. La investigación buscó establecer las acciones de paracaídas militar y civil, además de cómo se han desarrollados. Para concretar este objetivo realizó una encuesta única a los dos grupos que contenía treinta categorías sobre el tema. La encuesta y fue previamente evaluada y aprobada por 10 (diez) jueces. Posteriormente se aplicó la encuesta para 40 paracaidistas, 20 (veinte) del ejército y 20 (veinte) civiles. Se clasificaron las respuestas entre 10 (mayor grado) y 1 (menor grado). Se identificó las diez características más importantes para los grupos del ejército y civil. El estudio apunta diferencias significativas entre el paracaídas militar frente al civil, principalmente su forma y finalidad, así como la percepción de esta actividad considerada por estos grupos.

Palabras claves: Paracaídas. Militar. Deportes de aventura

chegando ao aspecto esportivo. Existe ainda, nos dias atuais, mesmo com a prática esportiva realizada pelas Forças Armadas, uma diferença bastante acentuada entre o pára-quedista militar e civil. Essa diferença é discutida e notada, porém, ainda hoje, carece de estudos científicos para que se possa definir melhor o perfil dos praticantes dessas duas categorias e ressaltar suas diferenças.

Objetivo Geral

Identificar as características dos praticantes do pára-quedismo civil e militar, apontando as semelhanças e as diferenças entre as categorias.

Objetivos Específicos

1. Identificar a origem e os pioneiros do pára-quedismo;
2. Identificar as principais características pessoais do pára-quedista civil e militar;
3. Identificar a formação do pára-quedista civil e militar;
4. Identificar as diferenças entre os pára-quedistas civis e militares.

Relevância do Estudo

Com o crescimento dos esportes radicais ou de natureza, surgiu no meio civil o pára-quedismo, como uma atividade pouco conhecida daqueles que não o praticam. O pára-quedismo militar se difere em vários pontos do civil, principalmente devido à finalidade, no entanto, ambos apresentam estreita relação. Infelizmente, existe uma lacuna na literatura brasileira e até mundial, em relação a esse esporte e, também, quanto às diferenças entre os praticantes do pára-quedismo militar e civil. Essas características tornam o presente estudo justificável e relevante.

Delimitação

A pesquisa limitou-se ao Estado do Rio de Janeiro para a aplicação dos instrumentos do estudo, local onde se encontra um



grande parte dos pára-quedistas civis e a grande maioria dos militares. A população da pesquisa foi constituída de praticantes do pára-quedismo, atletas ou não, dos meios civil e militar.

Conceitos Básicos

Existem vários conceitos utilizados que são muito próximos em seus significados, não havendo a necessidade de se adotar apenas um. Dessa forma, a compatibilização destes, permitirá uma interpretação do que sejam os dois tipos de pára-quedismo: o militar e o civil.

Esportes da natureza

O pára-quedismo é um esporte radical, também classificado como esporte da natureza, esporte de aventura ou, ainda, segundo alguns autores, como esporte outdoors. Faz-se necessário, portanto, definir o que é o esporte de aventura.

Tubino [s.d] define os esportes de aventura como: "modalidades esportivas que se caracterizam pelo controle dos grandes desafios relacionados a perigos, que são impostos aos praticantes, principalmente devido às incertezas que envolvem o desenvolvimento das mesmas".

Costa (2000) cita os esportes de aventura como uma tendência percebida em grupos de diferentes partes do planeta para fazer coisas fora do comum. Trata-se, hoje, de uma aventura eivada de sentidos lúdicos, uma vez que a atitude dos sujeitos que vivem a aventura no esporte é tomada por um risco calculado, no qual ousam jogar a si mesmos com a confiança do domínio cada vez maior da técnica e da segurança propiciada pela tecnologia.

Betrán e Betrán (1995) os definem como novos esportes, os quais têm como objetivo destacar o seu caráter inovador e estruturalmente distinto com relação aos esportes da modernidade. Esportes de aventura é a definição mais utilizada, tomando como referência a busca de incerteza e do risco próprio da aventura.

Padiglione (1995) estabelece que os esportes da natureza, são praticados em cenários, como desertos (rali) e montanhas, sempre longe do clamor do público e da cobertura das televisões.

Pára-quedista militar brasileiro

O pára-quedista militar é um combatente especializado, preparado para ser lançado atrás das linhas inimigas, a fim de conquistar objetivos importantes na manobra tática e estratégica dos escâlões superiores do Ministério da Defesa. A tropa pára-quedista constitui-se totalmente de voluntários, sejam oficiais ou soldados, com pelo menos 18 (dezoito) anos de idade. O recrutamento é feito a partir de uma rigorosa bateria de exames de saúde e testes de aptidão física. Na Brigada Pára-quedista (local onde servem os pára-quedistas), executam-se o salto semi-automático (enganchado) e o salto livre. O salto enganchado é realizado a uma altura de no máximo 1200 Ft (360 metros), com o pára-quedas redondo (pouca dirigibilidade). Já o salto livre, realizado em alturas superiores a 3000 Ft (1000 metros), pode ser executado tanto para a prática de esporte e disputa de torneios, como para fins operacionais (voltado para determinada missão).

O militar pára-quedista está envolvido por uma mística que é passada através dos tempos, pela própria instituição. Esta mística, em ser considerado por todos como um guerreiro alado

que não teme o perigo, faz com que esta tropa seja diferente, considerada por muitos como uma tropa de elite, com rituais, símbolos e maneira de ser distintos das demais.

As sociedades sempre criaram um conjunto de representações, um imaginário, em cujas práticas sociais distribuem-se as identidades, os papéis, as necessidades e as normas, os valores que conduzem os comportamentos dos indivíduos, integrando finalidades comuns. Trata-se de fixações simbólicas, imaginárias, estruturadas sob a forma de uma rede de sentidos que ultrapassa os gestos, as pessoas, os momentos (FERREIRA e COSTA, 2003, p.32)

Adorno (1995) acredita que ser combatente pára-quedista exige qualidades que não são comuns de se encontrar. Rusticidade, determinação, coragem, objetividade, confiança na instrução, no equipamento, resistência psicológica e estabilidade emocional, exigidas em situações as mais diversas.

Pára-quedista civil

O pára-quedista civil é um ser em busca de um esporte de riscos, que, porém, são parcialmente calculados. O início da sua vida na atividade pode se dar a partir de 5 (cinco) anos de idade, quando já é possível realizar o salto duplo, não tendo limites para terminar, dependendo logicamente do estado de saúde do saltador. A atividade pode ser praticada por ambos os sexos e, geralmente, se inicia a partir dos 17 (dezessete) anos, quando o interessado já está em condições de realizar os cursos propostos para a formação de um pára-quedista. Nesse período de formação, os aprendizes podem realizar ou não o salto enganchado. Nesse aspecto, diferem-se dos militares, que, para tornarem-se pára-quedistas, precisam realizar esse tipo de salto. Na atividade esportiva, o pára-quedas é sempre retangular, pois esse modelo apresenta uma dirigibilidade maior do que o redondo. A atividade pode ser praticada por esporte e por lazer casual ou sério, exigindo um poder aquisitivo considerável, tendo em vista os custos do curso e do material para o salto, como pára-quedas principal e reserva, altímetro (registra a altura em queda), etc. Em geral, o pára-quedismo é praticado em aeroclubes, sob a coordenação de uma empresa particular e lá se reúnem atletas e não atletas, dividindo o mesmo espaço, parece até que pertencem a algum tipo de "tribo", pois fazem questão de ser diferentes dos demais praticantes de esportes inclusive do pára-quedista militar.

METODOLOGIA

Serão descritos neste capítulo os procedimentos metodológicos julgados adequados, a saber: Tipo de Estudo; Amostras; Instrumento do Estudo; Validação dos Questionários; Coleta de Dados; Desenvolvimento do Estudo; e Procedimentos Metodológicos.

Tipo de Estudo

O Tipo de Estudo pode ser caracterizado como Descritivo, devido a sua finalidade de "[...] obter informações acerca das condições existentes, com respeito a variáveis ou condições numa situação" (FLEIGNER e DIAS, 1995, p.56).

Por ser de natureza descritiva, o estudo pode ser ainda classificado como uma investigação (Survey), pois, além de descrever as condições atuais, realiza uma comparação destas com critérios



predeterminados. Pode-se dizer, também, que, através de um Survey, é possível buscar o perfil de uma população alvo.

Deste modo, o estudo, como pesquisa descritiva tipo Survey, com abordagem quantitativa, realiza uma investigação das características do pára-quedista, buscando estabelecer uma relação entre o militar e o civil; estabelecer um perfil destes; e, ainda, verificar possíveis diferenças entre estes praticantes de atividades radicais.

Amostras

Foi estabelecido como critério de seleção que os sujeitos analisados fossem pára-quedistas em atividade, formados no meio civil e militar, possuidores do curso de pára-quedismo há pelo menos um ano e com, no mínimo, 100 (cem) saltos, todos sitiados na cidade do Rio de Janeiro, constituindo parte da população a ser estudada.

A amostra, do tipo intencional ou proposital, foi constituída por 40 (quarenta) pára-quedistas, sendo 20 (vinte) militares e 20 (civis), todos do sexo masculino. Tanto a amostra dos pára-quedistas militares como a dos civis foram desenvolvidas atendendo à disponibilidade dos grupos.

Instrumento do Estudo

Foi utilizado um questionário específico tanto para os pára-quedistas militares, quanto para os civis. O questionário era constituído de duas partes: a primeira tinha como objetivo obter informações pessoais do entrevistado; a segunda, apresentava 30 (trinta) categorias e suas respectivas definições, voltadas para o pára-quedismo. As categorias foram concebidas com base na literatura encontrada sobre o pára-quedismo e na experiência pessoal do pesquisador. O entrevistado deveria informar, em ordem de importância, as dez características mais marcantes do pára-quedista, dentre as 30 (trinta) categorias propostas. Foram atribuídos valores de 1 (um) a 10 (dez), em que o 1 (um) correspondeu ao menor valor de classificação e o 10 (dez), ao maior valor atribuído, objetivando coletar dados sobre as características do pára-quedista. No caso de resultados iguais em número de pontuação, a categoria que obteve o maior número de notas mais altas teve ascendência sobre a outra.

Validação dos Questionários

O questionário teve seu conteúdo validado através de uma análise detalhada de 5 (cinco) pára-quedistas militares e 5 (cinco) pára-quedistas civis, todos comprovadamente com larga experiência na prática do pára-quedismo, com número de saltos superior a 300 (trezentos) e pelo menos 2 (dois) anos de experiência, sendo denominados de “juízes validadores”.

A cada um desses juízes foi entregue um questionário, com exatamente os mesmos 30 (trinta) conceitos propostos para os entrevistados, para que eles pudessem marcar em cada uma dessas 30 (trinta) opções as seguintes alternativas: MANTER, EXCLUIR ou REFORMULAR. Foi criado, ainda, um espaço para sugestões, caso o juiz quisesse utilizá-lo. Cabe ressaltar que, dos 30 (trinta) conceitos propostos, todos foram mantidos, pois não houve em momento algum, unanimidade por parte dos validadores, em retirar algum deles.

Os valores e a percepção dos juízes escolhidos quanto à coerência, à clareza e à validade das perguntas formuladas em

relação à matéria do estudo, foram de suma importância para a validação da dissertação.

Dessa forma, validou-se o questionário como instrumento de estudo, possibilitando o desenvolvimento da pesquisa.

Coleta dos Dados

A coleta dos dados foi efetuada através dos questionários validados que foram entregues a cada sujeito previamente selecionado, constituindo um universo de 40 pára-quedistas sendo 20 (vinte) militares e 20 (vinte) civis, na forma de encontro pessoal ou via Internet (e-mail). A devolução dos referidos instrumentos ocorreu no prazo de 10 (dez) dias. Todos os entrevistados foram informados sobre o propósito da entrevista, através de comunicação prévia, em que as possíveis dúvidas foram esclarecidas, o caráter voluntário consentido.

Desenvolvimento do Estudo

O estudo se desenvolveu por meio de revisão de literatura, de entrevistas com os pára-quedistas, aliado ao convívio obtido na prática esportiva durante este período. Foram selecionados alguns livros que abordavam de maneira substancial o pára-quedismo, e outros que abordavam questões ligadas aos praticantes de esportes da natureza. Em termos de material bibliográfico, pode-se perceber que a literatura relacionada ao assunto é muito aquém do esperado.

Procedimentos Metodológicos

De acordo com o esquema de desenvolvimento da pesquisa, o estudo foi cumprido referenciando os procedimentos metodológicos nas suas diversas etapas:

Na identificação da origem e do pioneirismo do pára-quedismo efetuou-se uma Revisão de Literatura.

Na identificação das principais características pessoais do pára-quedista civil e militar, suas diferenças e semelhanças, aplicaram-se um questionário e uma entrevista informal.

Para elucidar a formação dos pára-quedistas civis e militares, além de uma revisão de literatura e páginas da Internet, foram realizadas visitas às escolas de formação. No caso militar, o local selecionado foi a Subseção de Salto Livre, pertencente à Brigada de Infantaria Pára-quedista, situada no Rio de Janeiro. No caso das escolas civis, foram visitadas as escolas “Azul do Vento”, em Campinas, “Aeroclube de Resende”, no Estado do Rio de Janeiro, e o “Barra Jump”, na cidade do Rio de Janeiro, onde foram realizadas as entrevistas e aplicados os questionários.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Validadores

Inicialmente, chegou-se à seguinte conclusão: poucos preencheram o requisito para ser um validador, pois atingir o índice de 300 saltos não é tarefa fácil. Em especial no meio civil, é a razão da questão financeira, já que os militares não precisam pagar para saltar. Para ilustrar, um salto livre duplo (em que o aprendiz salta preso ao instrutor) não custa menos de R\$ 500. Se a pessoa quiser registrar o momento, ainda deverá pagar o salto do “câmera-man”, responsável pela foto-filmagem, cujo serviço não sai por menos de R\$ 150. Existem algumas explicações



para este valor ser tão alto: o aluguel do avião, o combustível, a dobragem e o aluguel do pára-quedas, o salto do instrutor e do câmera-man que irá acompanhar o aluno, além de gastos com a revelação das fotos e a edição da fita do salto.

Uma outra razão para a dificuldade em preencher os requisitos para ser um validador está relacionada ao tempo, pois a grande maioria dos pára-quedistas entrevistados leva uma vida normal de trabalho e compromissos, dedicando-se à atividade de salto somente nos finais de semana ou feriados. No caso dos militares, muitos estão envolvidos em viagens de treinamento ou missões diferentes de saltar.

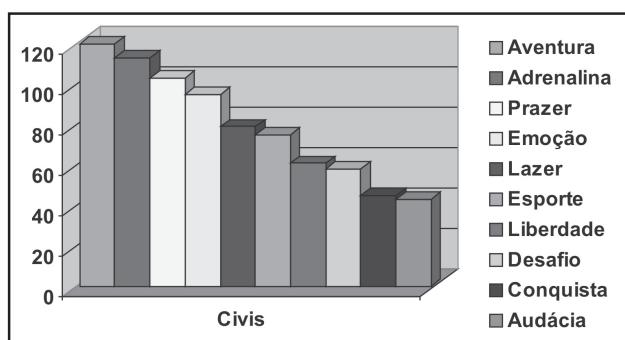
Entrevistas

Para a realização das entrevistas no meio civil, foi escolhido o “Barra Jump”, principal clube de pára-quedismo, situado na cidade do Rio de Janeiro; já para os militares, todas as entrevistas ocorreram na Brigada Pára-quedista, na mesma cidade. As entrevistas aconteceram em 4 (quatro) finais de semana, para os civis, e ao longo da semana, para os militares, em um período total de 1 (um) mês.

Resultado do questionário civil

As dez categorias selecionadas pelo pessoal civil são apresentadas no gráfico 1, a seguir:

GRÁFICO 1
CATEGORIAS SELECIONADAS PELO PESSOAL CÍVEL



Análise das respostas civis

A “aventura”, categoria mais escolhida e com maior pontuação dentre as trinta propostas, representa a característica mais marcante do pára-quedista civil.

Segundo Costa (2000, p.78), “a palavra ‘aventura’ vem do latim *adventura*, que quer dizer, o que rompe a rotina dos dias e provoca o espanto, a surpresa, o memorável”. Nos dias atuais, onde muitos buscam uma fuga da rotina, seja no trabalho ou nos inúmeros compromissos, não é surpresa que esta categoria tenha sido uma das mais pontuadas. O trecho a seguir ilustra bem o entusiasmo com a atividade:

– *O pára-quedismo é aventura do início ao fim, desde o momento em que você recebe um pára-quedas, que sabe lá Deus quem dobrou, e salta no infinito sem saber se abre ou não. Quer aventura maior que essa meu irmão!* (Ivan)

A “adrenalina”, muito próxima ao sentido de aventura, foi escolhida por grande parte dos entrevistados civis. Salienta-se, porém, dentro do que se falou a respeito da linguagem própria

dos pára-quedistas, que ela pode ser a manifestação de um sentimento muito próximo ao da aventura e da “loucura” que representa o ato de saltar.

Segundo Castoriadis (1999, apud CORREIA, 2003, p.46):

A linguagem é o terreno mais extenso e familiar das significações imaginárias sociais. De certa forma, a linguagem funciona como código, atuando de maneira identitária a significações imaginárias sociais, tornando-se um instrumento quase unívoco do fazer, do falar e do pensar em uma sociedade.

– *O Pára-quedismo é pura adrenalina, compadre, ou tu tem ou tá fora da atividade, valeu!* (Maike)

O “prazer” em saltar foi largamente comentado por todos os entrevistados civis. Segundo Camargo (2003, p.12), “o mais certo seria dizer que em toda escolha de lazer, existe o princípio da busca do prazer, mesmo que a atividade se inicie com um esforço para se obter o relaxamento agradável ou a sensação posterior de estar em forma...”.

Talvez uma das explicações para o desejo de saltar dos pára-quedistas seja o prazer fornecido pela atividade:

– *O prazer para mim, é tudo!* (Ricardo)

A “emoção” que o pára-quedismo desperta é algo impressionante. Seja a emoção decorrente do primeiro salto, de receber o título de pára-quedista ou de controlar sua própria queda, não importa, ela é forte e marcante.

Segundo Sillani (1998, p. 87), “emoção é definida como reação global, intensa e breve do organismo a uma situação inesperada, acompanhada de um estado efetivo de tonalidade penosa ou agradável...”.

– *Cara, meu coração bate mais forte, cada salto é um salto, uma nova emoção, uma coisa meio louca, entende.* (Joilson)

O “lazer”, quinta categoria com maior pontuação, foi entendido pela grande maioria dos entrevistados como a fuga do trabalho. Assis (2003, p. 206) defende a idéia de que o lazer não pode ser visto como uma antítese ao trabalho. Ela cita em seu texto, que

O lazer aparece como um refúgio nesta difícil passagem do primitivismo à cultura, ou do mundo infantil para o mundo adulto. Em outras palavras, o lazer desponta como uma possibilidade de perpetuação do universo infantil e fantasioso, próximo ao paraíso, sem regras ou normas. Um universo aparentemente marcado pela ausência do interdito.

Relacionado ao esporte, Tubino (2001) observa que o número de praticantes dos esportes que provocam contatos de muita significação entre o homem e a Natureza, reconhecidos muitas vezes como alternativos, é crescente, sem no entanto vincular-se aos tradicionais sistemas esportivos existentes.

Embora um número grande de entrevistados tenha visto o pára-quedismo como modalidade esportiva, muitos não podem praticá-lo, principalmente pelo elevado custo:

– *Encarar o Pára-quedismo, como esporte é tudo o que eu quero, só que falta grana.* (Charles)



A “liberdade”, que muitos praticantes de esportes de aventura buscam, é bastante expressiva no pára-quedismo. Na fala dos pára-quedistas civis, fica bem claro este intenso desejo de voar para a liberdade:

– *Eu gosto de me sentir livre, sem estar preso a nada, nada me segura, nada me prende, nada me pára a não ser o pára-quedas, mas só quando eu quiser. (Carlos A.)*

O “desafio” fica constatado no esporte, através de vários exemplos que a atividade oferece. Em várias oportunidades, observam-se artistas saltando, geralmente praticando o salto duplo, em programas de televisão. Quando questionados sobre o porquê do salto, geralmente a resposta se refere a uma vontade de desafiar a si mesmo, desafiar o próprio medo. Em outras oportunidades, observam-se os pára-quedistas experientes desafiando alturas, saltos de prédios (Base Jump) e outros tantos exemplos que justificam o espírito destes pára-quedistas.

A conquista é vista pelos pára-quedistas como o “sabor da vitória”. É algo que faz o pára-quedista buscar sempre mais. Conquistar campeonatos, por exemplo, é uma grande vitória.

– *Eu só paro de saltar quando conquistar um campeonato mundial, e olha que falta muito! Mas se acontecer, só paro quando atravessar o Oceano Atlântico. (Thiago)*

Audácia, que pode ser confundida com ousadia, sem dúvida é uma característica marcante do pára-quedista. Luis comenta, ao ter escolhido esta categoria como a primeira dentre todas as outras, que ela é essencial para que você quebre a rotina:

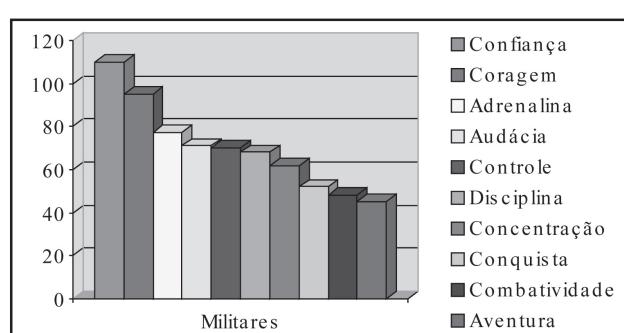
– *“Se você não for audaz, como é que vai sair do avião? É muito melhor pousar, não é? (Luis)*

Resultado do questionário militar

As dez categorias selecionadas pelo pessoal militar foram as seguintes, conforme o gráfico 2:

GRÁFICO 2

CATEGORIAS SELECIONADAS PELO PESSOAL MILITAR.



Análise das respostas militares

A “confiança”, categoria mais escolhida e com maior pontuação dentre as trinta propostas, representa para os militares a maior característica dos pára-quedistas. Quando se referem à confiança, estão abordando várias questões do tipo: “o pára-quedista precisa ser confiante em si mesmo”, “acreditar em seus equipamentos e no que é capaz de fazer com eles”.

Costa (2000, p.93) afirma que: “na ânsia de viver, o indivíduo se auto-impõe a necessidade de dar valor à sua presença no mundo. Insatisfeito, ele se orienta para lazeres em que ignora o perigo, mas nos quais superestima suas capacidades e busca superá-las”, referindo-se ao risco; no entanto, como saber a que ponto se pode correr riscos sem ter a devida confiança material, na técnica e em si mesmo?

– *Quando ensinamos a saltar livre, uma das frases mais faladas pela equipe de instrução é sem dúvida, “confiem na equipe de instrução, nas técnicas ensinadas e no equipamento!”. (Fábio, instrutor de salto)*

A “coragem” de todas as virtudes, é sem dúvida a mais universalmente admirada. Fato raro, o prestígio que desfruta parece não depender nem das sociedades, nem das épocas e quase nada dos indivíduos. Em toda parte a covardia é desprezada; em toda parte a bravura é estimada. As formas podem variar, claro, assim como os conteúdos: cada civilização tem seus medos, cada civilização suas coragens. Mas que não varia, ou quase não varia, é que a coragem, como capacidade de superar o medo, vale mais que a covardia. A coragem é a virtude dos heróis; e quem não admira os heróis? (SPONVILLE,1999)

No discurso dos pára-quedistas militares, a superação do medo é muitas vezes citada. A coragem, para estes homens, vai desde a apresentação dos voluntários para fazer o curso, até a hora de saltar em local totalmente desconhecido, com vários equipamentos presos ao seu corpo. Um aspecto bastante falado é, sem dúvida, a tradição de coragem que os pára-quedistas trazem em sua história, desde a 2ª Guerra Mundial até recentes conflitos no Iraque (local onde foram realizados saltos à noite em território inimigo).

Segundo Dantas (1977), em seu livro intitulado *O manual do Pára-quedista*, coragem é a força moral que sustenta o homem nas adversidades e nas privações.

A “adrenalina”, como no caso dos pára-quedistas civis, além de estar muito próxima da idéia de aventura, faz parte também do linguajar dos pára-quedistas militares.

– *Nossa adrenalina é igual ao dos paisanos, seja na hora de saltar para demonstrações, seja no salto para o cumprimento das missões. É claro que esse último é muito pior! (Kenzo)*

A “audácia” é um traço marcante da tropa pára-quedista. Muitos entrevistados concordam que o militar demonstra audácia ao tentar fazer o curso e “encarar” o período de estágio. As palavras de Hellen Keller são fortes:

– *Por que nos contentamos com viver rastejando, quando sentimos o desejo de voar?*

Neste caso, torna-se óbvio que a falta de audácia leva à accomodação de procedimentos, e é exatamente isto que os pára-quedistas não querem para si.

– *O pára-quedista é um audaz em tudo, na maneira de se pensar e agir, a gente não se contenta em ficar o resto da vida sem saltar do avião! (Vinícius)*



O “controle”, quinta categoria mais pontuada pelos militares, foi defendida como um traço marcante destes pára-quedistas. O controle de si mesmo em diversas situações é imprescindível, seja nos momentos fáceis ou difíceis.

– *O pára-quedista deve ter total controle de toda a situação. Ele não pode ficar nervoso e perder o controle na hora que chegar a porta do avião, e decidir que não quer mais saltar porque ficou descontrolado emocionalmente, é missão, isso não pode existir! (Anderson)*

A “disciplina” na atividade do pára-quedismo é incontestável no meio militar, segundo os entrevistados. Nada pode ser feito sem treinamento prévio, sem aprovação ou autorização de algum militar qualificado para tal.

– *A disciplina de procedimentos é a mais importante. Atentar para a altura de comando do pára-quedas, poupar em locais pré-determinados, não infringir regras de segurança e ter disciplina intelectual são componentes básicos para o saltador. (Eduardo)*

A “concentração”, segundo Feijó (1998, p.132), “é a capacidade de selecionar estímulos, bloqueando o impacto daqueles que não importam, limitando a atenção sobre aqueles que interessam ou são úteis”. Para concentrar-se, então, o atleta precisa ter um conhecimento adequado de si mesmo, do seu esporte, do seu ambiente, consciente também, do significado estratégico de cada detalhe.

Os pára-quedistas acreditam muito nesta concentração, considerando-a um aspecto muito importante, tanto que um dos procedimentos previstos antes do salto é o de mentalizar tudo o que será desenvolvido após a saída da aeronave.

– *Concentrar muito para errar pouco (Jorge)*

A “conquista”, à semelhança dos pára-quedistas civis, é encarada como o “sabor da vitória”. A vitória em tornar-se um pára-quedista e poder compartilhar do mesmo local de trabalho, usando os mesmos símbolos que poucos no Exército podem, é uma verdadeira conquista para estes militares.

– *Para nós pára-quedistas, não existe a conquista sem a luta, sem o sofrimento, e isso faz com que a satisfação em alcançá-la seja muito maior. Nossa curso não é para qualquer um, e isso já é uma grande conquista para mim. (Marcio)*

A “combatividade”, segundo o dicionário Aurélio, é a tendência de quem não se recusa ao combate. Pode ser acrescentado também, o fato de não se recusar ao salto ou à missão. O militar pára-quedista é um fiel cumpridor deste preceito.

– *O pára-quedista é um guerreiro alado, se ele se recusar a combater quem é que vai ter condições? (Cláudio)*

A ultima categoria escolhida pelos militares pára-quedistas, porém não menos importante, foi a “aventura”.

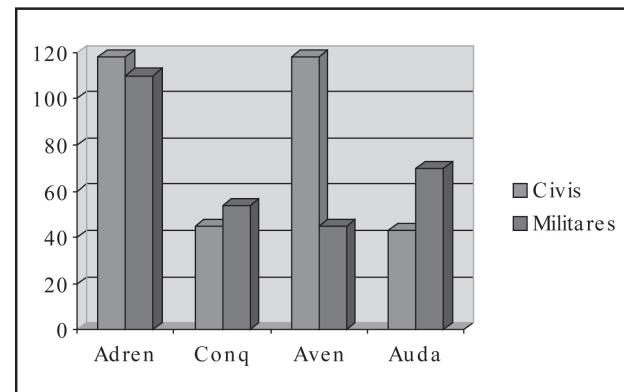
O pára-quedista é um aventureiro nato, mas o pára-quedismo militar não é só aventura com prazer, mas sim muita missão e, às vezes, muita dificuldade. (Gilson)

Costa (2000) comenta que, sob o ponto de vista ontológico, da antropologia filosófica, a aventura apresenta-se como inerente a natureza humana, sendo identificável em todas as culturas e épocas.

Comparação entre civis e militares

Do estudo comparativo entre civis e militares quatro categorias foram escolhidas, em comum acordo entre estes grupos, como indica o Gráfico 3:

GRÁFICO 3
CATEGORIAS COMUNS AOS CIVIS E MILITARES



Ao analisar estas quatro categorias, pode-se chegar a algumas percepções: os pára-quedistas militares e civis, talvez por pertencerem a uma mesma sociedade que se pode chamar de “radical”, possuem um linguajar típico. A adrenalina, que se firmou na língua portuguesa não só como uma substância química, mas também como uma palavra que indica a presença de emoções fortes, ou ainda, como foi definida no questionário, “o gosto pela aventura radical”, foi a que mais aproximou os dois grupos estudados nesta pesquisa.

A conquista, categoria que apresentou um maior equilíbrio entre os civis e militares não é encarada de maneira igual pelos grupos. Os militares vêem no fato de se tornar um pára-quedista um grande motivo de orgulho pessoal, seja no salto enganchado ou no salto livre. Na fala dos militares, uma de suas maiores vitórias foi o fato de terem se tornado pára-quedistas, conquistando o direito do uso do “brevet”, da boina e do “boot marrom”. Assim, também, a idéia do sabor da vitória com melhorias da performance, como os civis, e nesse ponto parecem concordar.

O pára-quedista civil não vê desta forma, pois entende que saltar de um avião, até mesmo um cachorro o faz. A verdadeira conquista, para eles, está em se superar nas atividades do salto, conseguindo desenhar novas figuras ou movimentos difíceis.

A aventura foi, dentre as dez categorias escolhidas, a mais pontuada para os civis, e a de menor pontuação, para os militares. Tal fato pode ser explicado levando-se em consideração seu entendimento por parte dos grupos. Da parte dos militares, a aventura foi entendida como uma forma de “prazer arriscado” e, segundo eles, a maior parte do salto de pára-quedas é uma aventura, mas nem sempre uma aventura animada, muitas vezes a missão fica acima, no grau de importância. Todos concordam, portanto, que o pára-quedista militar é um aventureiro em busca de emoções. Da parte dos civis, foi entendido que a aventura de saltar os tira do estresse do dia a dia e da rotina maçante do trabalho. Buscam a aventura de saltar como forma de alcançar o inalcançável. Bachelard (1994), apud Costa (2000), cita que “o homem que se dispõe a isso, a transformar impossíveis em possíveis, realiza aventuras”.



A “audácia”, última categoria comum aos dois grupos investigados, também é entendida de forma diferente pelos grupos. A diferença existe no fato de que o militar pára-quedista ostenta a tradição de ser audaz em todas as atividades que desempenha em sua rotina, e não apenas no salto. O civil, talvez não seja visto em seu trabalho como audaz, mas com certeza revela essa característica ao saltar.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Conclusões

Esta investigação foi concluída levando-se em consideração, principalmente, a isenção de uma possível afetividade que poderia influenciá-la, além de uma busca bastante aprofundada e rigorosa que oferecesse meios para extrair uma compatibilidade desejável entre o objeto da pesquisa e os caminhos metodológicos percorridos.

Com relação à origem e aos pioneiros do pára-quedismo, fica claro através da história, que o pára-quedismo surgiu com finalidades distintas. Foi criado, inicialmente, para salvar vidas de pilotos; posteriormente, foi utilizado como arma de guerra; e, por fim, tornou-se uma modalidade esportiva. É, também, ao longo dessa história que surgiram mitos e lendas a respeito dos pára-quedistas militares os quais permanecem “vivos” até os dias atuais.

Pode-se concluir que as características do pára-quedista militar são as seguintes: confiança nos procedimentos e em si mesmo, coragem, autocontrole em situações diversas, disciplina, concentração, gosto pelo combate, gosto pela aventura, audácia e gosto pela conquista de desafios. Os pára-quedistas civis são inclinados ao prazer que a atividade lhes oferece, como a emoção, o lazer, o esporte, o desafio, a sensação de liberdade, além do espírito aventureiro, a audácia e o sabor da conquista. Embora tenham concordado em quatro categorias: adrenalina, aventura, conquista e audácia, elas significam conceitos e prioridades diferentes para os dois grupos.

As diferenças entre os pára-quedistas civis e militares aparecem com mais clareza, quando se aborda o objetivo do salto. O militar se prepara para o salto com a finalidade da guerra e o civil com a finalidade do lazer.

Os militares são mais tradicionais, cultuam a história dos seus antepassados e enxergam o pára-quedismo com finalidades distintas do civil, pois o salto é apenas mais uma maneira de chegar ao campo de batalha. Cultuam símbolos, cantam canções, repetem orações e acreditam que São Miguel Arcanjo é seu padroeiro. Valorizam o esporte e não descuidam de sua forma física, ao contrário, se preocupam muito com ela! Apóiam o rigor implementado para a formação de um militar pára-quedista, acreditando que a missão não acaba no salto, ao contrário, é aí que ela se inicia.

Os pára-quedistas civis parecem encarar a modalidade do pára-quedismo de uma forma diferente, pois cultivam sobremaneira o aspecto lúdico. São aventureiros audaciosos. Contribuem para divulgação do esporte e os praticantes de ocasião. Não enxergam a formação como o mais importante, mas sim a seqüência nas atividades de salto.

Recomendações

Seria interessante que as Força Armadas observassem o perfil dos militares pára-quedistas, para que pudesse, com isso, melhorar a seleção dos integrantes das tropas pára-quedistas, valorizando, além da forma física, as características que foram levantadas neste estudo.

Um intercâmbio maior entre os pára-quedistas civis e militares deveria ser estimulado para que um grupo pudesse passar experiências para o outro, já que os militares participam de competições mundiais em algumas modalidades e os civis em outras, e esse intercâmbio só viria contribuir para o aprimoramento do nível técnico.

Um estudo mais aprofundado sobre o imaginário social dos pára-quedistas militares com certeza irá obter um retorno científico e cultural significativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Ly. *Ser Pára-quedista*. Rio de Janeiro: Ed eletrônica – Martins Fotocópia, 1995.
- ASSIS, M.R. Alguns Sentidos de Lazer no Imaginário Social de Pilotos da Aviação Civil Brasileira. In: FERREIRA, N.T.; COSTA, V.L.M. *Esporte, Jogo e Imaginário Social*. Rio de Janeiro: Shape, 2003. p. 206.
- BETRÁN, J.O. y BETRÁN A. O. La crisis de la modernidad y el advenimiento de posmodernidad: el deporte y las prácticas físicas alternativas en el tiempo de ócio activo. *Apunts Educació Física y Deportes*. INEFC, Barcelona, *Les Punxes*. nº 4, Julio 1995. p. 108-123.
- CAMARGO, L. O. L. *O que é o Lazer*. São Paulo: Brasiliense, 2003. p. 12.
- CORREIA, A. M. Cornélius, Castoriadis e Suas Possíveis Parcerias Teórico-Metodológicas: Uma Perspectiva Para Estudos em Educação Física e Imaginário Social. In: FERREIRA, N.T.; COSTA, V.L.M. *Esporte, Jogo e Imaginário Social*. Rio de Janeiro: Shape, 2003. p. 46.
- COSTA, V. L. de M. *Esportes de Aventura e Risco na Montanha. Um mergulho no imaginário*. São Paulo: Manole, 2000.
- DANTAS, E. H. M. *Manual do Soldado Pára-quedista*. Rio de Janeiro: Exército Brasileiro, 1977.
- FEIJÓ, O. G. *Psicologia para o esporte: Corpo e Movimento*. 2. ed. Rio de Janeiro: Shape, 1998. p.124-162.
- FERREIRA, N. T.; COSTA, V. L. de M. *Esporte, Jogo e Imaginário Social*. Rio de Janeiro: Shape, 2003.
- FLEGNER, A.J.; DIAS, J.C. *Pesquisa e Metodologia: Manual Completo de Pesquisa e Redação*. Rio de Janeiro, 1995.
- PADIGLIONE V. D. Pluralidade em el Escenari Deportivo. *Apunts Educació Física y Deportes*. INEFC: Barcelona, *Les Punxes*. nº 41, Julio 1995. p. 30-34.
- SILLANI, N. *Dicionário de Psicologia Larousse*. Tradução Francisco Franke Settine. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- SPONVILLE A. C. *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- TUBINO, M. J. G. *Dimensões Sociais do Esporte*. São Paulo: Cortês, 2000. *...Diccionário dos esportes*. [s.d.].